

NAVIO HIDROGRÁFICO *SIRIUS*, 60 ANOS DE HISTÓRIA E TRADIÇÃO

PASCHOAL MAURO **BRAGA MELLO FILHO***
Capitão de Fragata

LUCAS DA COSTA **MEDEIROS****
Primeiro-Tenente

SUMÁRIO

Introdução
Histórico
Principais comissões
Atualidade
Curiosidades
História do lema da Diretoria de Hidrografia e Navegação
Conclusão
Agradecimentos

INTRODUÇÃO

Assim que um brasileiro ingressa na Marinha do Brasil (MB), uma das primeiras coisas que logo se aprende é que a Força possui diversas tradições. Tradição vem da palavra latim *traditio*, que

significa “entrega” ou “passar adiante”, ou seja, é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças ou lendas para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte de sua cultura. Desta maneira, surge o termo “Tradição Naval”,

* Comandante do NHi *Sirius*.

** Chefe do Departamento de Convés do NHi *Sirius*.

que é a expressão usada para designar os costumes de uma das instituições mais antigas do Brasil.

Sabe-se que esta tradição não é só caracterizada pelos valores intrínsecos à alma humana, mas também por diversos materiais, animados ou não, que simbolizam ou que simbolizaram alguma coisa para o grupo que pertence a esta instituição. Entre algumas, pode-se citar: o “ferro” do tipo almirantado, que simboliza a Marinha de um modo geral; a volta de Nelson, que simboliza os oficiais do Corpo da Armada; e o bode preto e o verde, que simbolizam os maquinistas e os hidrografos, respectivamente, entre outros.

Para muitos, mas não oficialmente, há também os navios tidos como tradicionais, ou seja, aquelas embarcações que servem ou que serviram à Marinha por muito tempo e que se tornaram uma referência na sua missão, ou que marcaram a história da sua classe. Entre estas, é mencionado neste artigo o Navio Hidrográfico (NH*i*) *Sirius*, que completou 60 anos de incorporação à Armada no dia 17 de janeiro de 2018.

Sendo assim, esta matéria procurará homenagear o *Sirius* não só pelo seu sexagésimo aniversário, mencionando a história que ele carregou neste tempo de vida, mas também louvando as diversas tripulações que passaram pelos seus conveses, os copiosos embarques que foram vividos e as numerosas missões que foram cumpridas, todas realizadas com muito amor à Pátria, o que, com certeza,

tornou a sua vida bastante longa e, sem dúvidas, transformou-o num navio referência e de tradição, não só no âmbito da Diretoria de Hidrografia e Navegação, mas também da Marinha.

HISTÓRICO

A década de 1950 foi bastante significativa para a MB, pois, neste período, foram adquiridos vários navios importantes para a Força, como, por exemplo, os cruzadores *Barroso* e *Tamandaré*, adquiridos da US Navy, e os novíssimos navios de transporte, como o *Custódio de Mello*, o *Ary Parreiras* e o *Soares Dutra*, adquiridos juntamente ao Japão, por meio do Estaleiro Ishikawajima Heavy Industries Co. Ltd, de Tóquio. Foi nesta mesma empresa onde foram construídos os dois primeiros navios específicos para o serviço hidrográfico, o *Sirius* e o *Canopus*.

O *Sirius* foi concebido devido ao apoio do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek (JK), ao trabalho



Figura 1 – Cerimônia de Lançamento ao Mar

do Almirante de Esquadra Antônio Alves Câmara Junior, seu ministro da Marinha e ex-diretor-geral de Hidrografia e Navegação, interessado em resolver o problema da escassez de meios flutuantes para a Armada e para as atividades da Hidrografia. A sua construção foi realizada sob a supervisão técnica do American Bureau of Shipping e fiscalizada pela Comissão Fiscal de Construção de Navios no Japão, presidida, à época, pelo Capitão de Mar e Guerra Ernesto de Mello Bapstista.

O batimento simbólico da quilha foi realizado no dia 13 de dezembro de 1956, Dia da Marinha, e a sua Cerimônia de Lançamento ao Mar aconteceu em 30 de julho de 1957 (Figura 1). O navio teve por madrinha a senhora Toshiwo Doko (Figura 2), esposa do presidente da Companhia construtora, que cortou a adriça simbólica do lançamento ao mar.



Figura 2 – Senhora Toshiwo Doko, madrinha do Navio.

Em 17 de janeiro de 1958, houve a cerimônia de entrega do navio ao Governo brasileiro e, além disso, a sua Mostra de Armamento e a leitura do Aviso nº 3.056, de 22 de novembro de 1957, do ministro da Marinha, que incorporou o navio ao serviço da Armada. Naquele mesmo momento, a Bandeira do Brasil foi içada pela madrinha do navio, auxiliada pelo

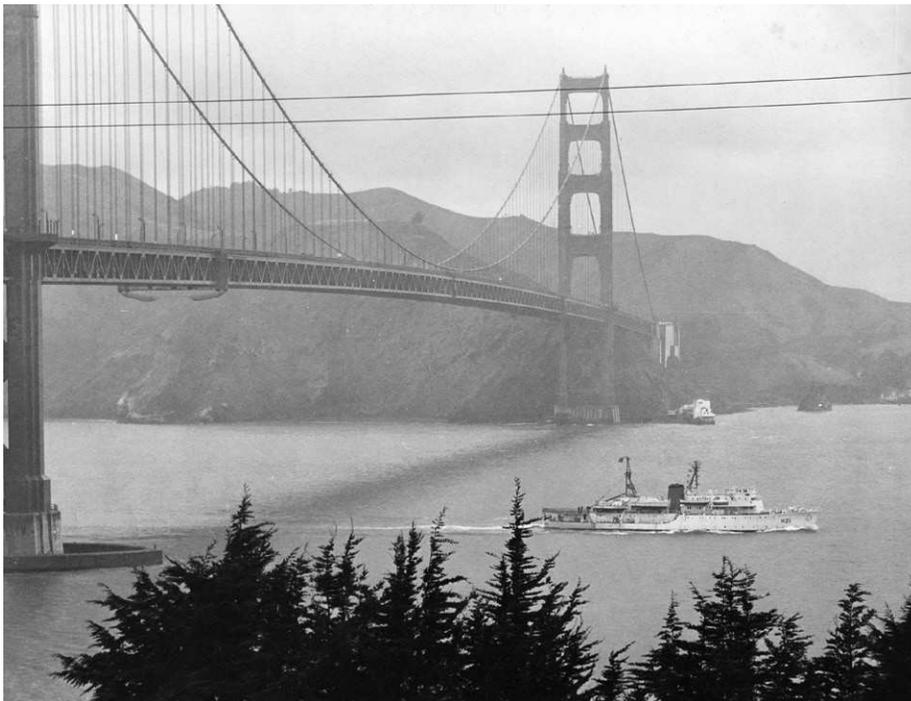


Figura 3 – O *Sirius* atravessando a *Golden Gate*, em São Francisco

seu primeiro comandante, Capitão de Fragata Helio Ramos de Azevedo Leite.

Depois de sua incorporação, ainda no Japão, foram realizados adestramentos e abastecimentos, a fim de dar início à primeira viagem do *Sirius*, a travessia para o Rio de Janeiro, que começou em 8 de fevereiro de 1958, durando cem dias, chegando o navio à então Capital Federal em 19 de maio do mesmo ano, passando por portos como Tóquio, Honolulu, São Francisco (Figura 3), Acapulco, Balboa, Curaçao, Belém, Recife e Cabo Frio. Após sua chegada, em 6 de junho de 1958, houve a visita do Presidente da República e do ministro da Marinha ao navio.

PRINCIPAIS COMISSÕES

Ao longo dos seus 60 anos de história, o NHi *Sirius* já realizou mais de 400 comissões em serviço à Armada. Até hoje, foram 4.330 dias de mar e 816.102,21 milhas navegadas (MN). Porém faz-se mister elencar algumas que engrandeceram o nome do navio.

– Primeira Comissão para a Barra do Canal Norte do Rio Amazonas: a fim de atualizar a carta náutica 210, elaborada pelo NHi *Rio Branco*. A comissão teve início em 11 de setembro de 1958 e terminou em 25 de novembro do mesmo ano, durando 75 dias. Logo após, o navio passou a realizar viagens consecutivas a Belém, a fim de realizar o Levantamento

do Rio Pará, em parceria com o NHi *Orion*, até o final de 1960.

– Viagem às ilhas da Trindade e Martin Vaz: no início de 1961, o navio realizou a sua primeira viagem de apoio ao Posto de Observação da Ilha da Trindade, onde desembarcou todo o material logístico para o destacamento de militares da ilha. Além disso, o NHi *Sirius* navegou em direção às ilhas de Martin Vaz, quando o seu helicóptero decolou com o comandante do navio, o então Capitão de Fragata Bierrenbach, que içou o Pavilhão Nacional acompanhado do piloto da aeronave, Capitão-Tenente Celso Pinheiro (Figura 4).



Figura 4 – Içamento do Pavilhão Nacional, na Ilha de Martin Vaz

– Comissão de Representação da Marinha do Brasil na IX Conferência Hidrográfica Internacional: o navio representou a Marinha do Brasil em Mônaco, sede da Organização Hidrográfica Internacional, em sua IX Conferência. Nesta ocasião, o *Sirius* teve a oportunidade de passar por portos como Toulon, Mônaco e Barcelona.



Figura 5 – O *Sirius* na IX Conferência Hidrográfica Internacional, em Mônaco

– Comissão África 1995/1997: o navio realizou sondagem na costa do continente africano, a fim contribuir para a confecção de cartas GEBCO (*General Bathymetric Charts of the Oceans*), visitando portos como Walvis Bay, na Namíbia, e Cape Town, na África do Sul.

– Comissões em proveito ao Levantamento da Plataforma Continental: o *Sirius*, depois da instalação do seu ecobatímetro multifeixe, realizou diversas viagens, a fim de sondar a Plataforma Continental brasileira, como a Elevação do Rio Grande, por exemplo.



Figura 6 – Navio atracado em Walvis Bay, na Namíbia

ATUALIDADE

Atualmente, o navio se encontra dentro do seu ciclo operativo, realizando comissões hidrográficas, prestando apoio à Sinalização Náutica e à comunidade científica.

Seu último levantamento hidrográfico ocorreu nas proximidades da Ilha da Sapata e de Montão de Trigo (Figura 7), no litoral do Estado de São Paulo, nos meses de março a abril de 2017, quando o navio teve a oportunidade de atracar no porto de Santos. Seu último auxílio à Sinalização Náutica ocorreu em dezembro de 2017, quando foi dado apoio ao Farol da Ilha de Santana, em Macaé. O *Sirius* participou, ainda, da última

Protrindade, expedição que apoia a Secretaria Interministerial para os Recursos do Mar (Secirm), na qual foi levado um grupo de cientistas para estudos na Ilha da Trindade (Figura 8).

O navio possui avançadas tecnologias de sondagem nos dias de hoje, como o Ecobatímetro Multifeixe Kongsberg EM 302, de 30 KHz, capaz de atingir profundidades maiores que 4 mil metros e de fazer uma varredura completa do fundo oceânico.

CURIOSIDADES

O Navio Hidrográfico *Sirius*, para a sua época, era de uma modernidade ímpar.



Figura 7 – O NHi *Sirius* com a Ilha Montão de Trigo ao fundo



Figura 8 – O *Sirius* se aproximando da Ilha da Trindade

Contando com as suas três lanchas hidrográficas, o navio possuía nove sonares, sendo um de varredura lateral, um oceanográfico, dois de navegação e cinco para sondagem. Além disso, ainda era detentor de um Raydst, equipamento de sistemas hiperbólicos de ondas contínuas para observações de grande precisão.

As primeiras operações aéreas embarcadas na MB ocorreram no convés do *Sirius*,

sendo este o primeiro navio a ser dotado de uma aeronave orgânica (Figura 9).

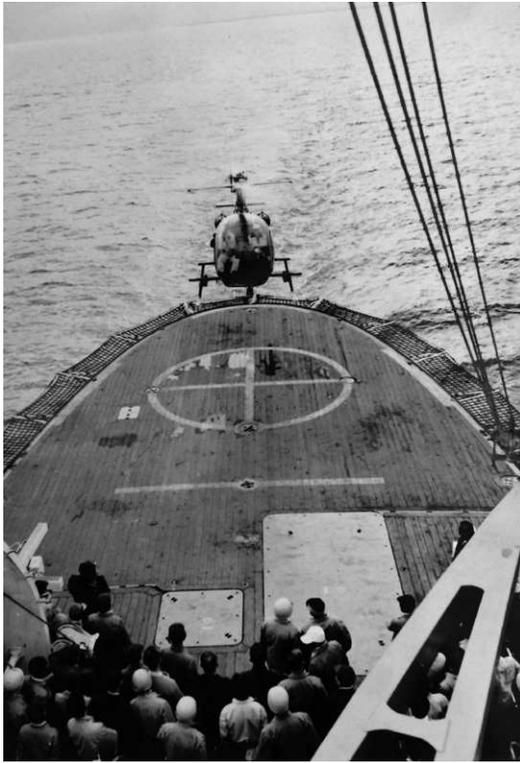


Figura 9 – Pouso a bordo do NHi *Sirius*

Estando o *Sirius* atracado no molhe da Ilha Fiscal durante a visita do Presidente Juscelino Kubitschek (Figura 10), este observa a aeronave orgânica do navio pousada no convoo e relata ao ministro da Marinha: “Almirante, nunca andei de helicóptero”. Então, de forma improvisada, JK deixa o *Sirius* de uma maneira nada convencional, voando. Já no interior da aeronave (Figura 11), o piloto, Capitão-Tenente (FN) Carlos Albuquerque, pergunta para o Presidente: “Para onde vamos, senhor Presidente?” E este responde: “Vamos sobrevoar o Catete. Tenho que começar a me despedir do Palácio”. Dois anos depois, a Capital Federal era transferida para Brasília e a sede do Poder Executivo deixava de ser o Palácio do Catete.

Em 14 de junho de 1982, o navio cessou suas atividades operativas para iniciar um Período de Atualização e Modernização, previsto no

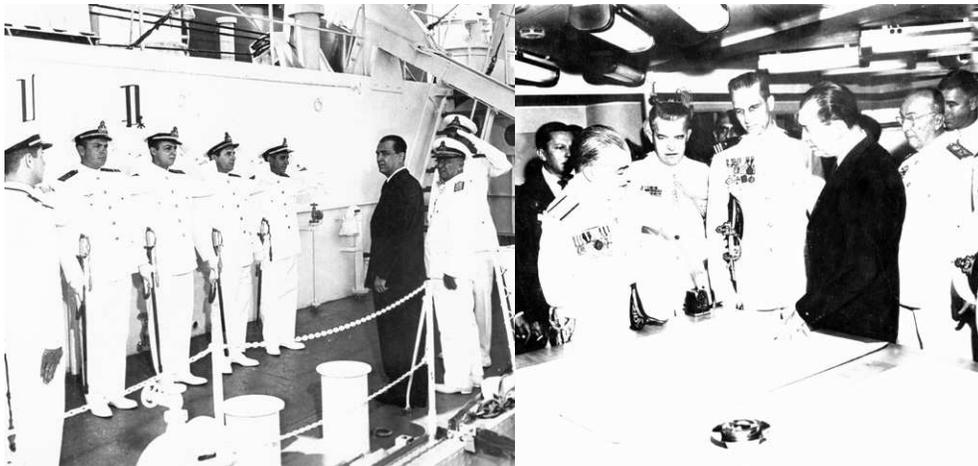


Figura 10 – Visita do Presidente JK ao NHi *Sirius*



Figura 11 – Presidente JK a bordo da aeronave, sendo piloto o CT (FN) Carlos Albuquerque

HISTÓRIA DO LEMA DA DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO

É provável que poucas pessoas saibam, mas o lema da Diretoria de Hidrografia e Navegação, “Restará sempre muito o que fazer”, foi escrito pela primeira vez na chaminé do NHi *Sírius*.

Em 1977, durante a execução de uma comissão hidrográfica, o então comandante do navio, Capitão de Fragata Narcílio Reis, organizou um concurso interno de frases que representassem a Hidrografia na Marinha do Brasil. Destacaram-se as seguintes frases: “Amar é sondar alucinadamente”, “Esse mar é meu”, “Continue a sondar” e “Navegar é preciso, hidrografar é indispensável”. A frase vencedora foi: “Restará sempre muito o que fazer”. Encerrada a comissão, o NHi *Sírius* atracou no cais da Ilha Fiscal com a frase escolhida pintada na chaminé por ambos os bordos.

O Almirante Orlando Augusto Amaral Affonso, diretor de Hidrografia e Navegação à época, determinou ao seu assistente, o então Capitão de Corveta Marcos Augusto Leal de Azevedo, que anos depois também seria diretor de Hidrografia e Navegação, que fosse a bordo e anotasse as dimensões das letras da frase, para que pudesse registrá-la, posteriormente, em um documento oficial.

Recebendo a incumbência de estudar a origem da frase, Leal de Azevedo, então comandante, constatou que o Almirante Levy Penna Aarão Reis, em discurso proferido durante a sessão solene comemorativa do Primeiro Centenário da Re-

Plano-Decenal da Marinha para 1979, aos cuidados do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, tendo permanecido em manutenção até outubro de 1985. Esta obra foi crucial para a manutenção do navio por mais 30 anos a serviço da Armada.

O NHi *Sírius* já passou da marca dos 4.300 dias de mar e de 800.000 MN, o que corresponde, aproximadamente, a quatro vezes à distância entre a Terra e a Lua, e a mais de 37 voltas em torno do perímetro da Terra.

Vários foram os comandantes que já passaram pelo Navio Hidrográfico *Sírius*, porém é possível destacar alguns nomes, como o Almirante de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, ex-ministro da Marinha; Almirante de Esquadra Julio de Sá Bierrenbach, ex-ministro do Superior Tribunal Militar; e o Capitão de Mar e Guerra Antonio Cesar Martins Sepúlveda, letrista da Canção do Hidrógrafo.

partição Hidrográfica, em 2 de fevereiro de 1976, citou que, em 1873, o ministro da Marinha, Conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, em relatório ao Governo Imperial, havia dito: “Restará ainda muito que fazer para a completa organização das nossas cartas marítimas”.

Esta constatação foi determinante para que o Almirante Orlando Affonso endossasse a ideia do Comandante Narcílio e, em seu último memorando, assinado no dia 5 de janeiro de 1978, dia em que transmitiu o cargo de diretor ao Almirante Luiz Carlos de Freitas, determinasse que a frase “Restará sempre muito o que fazer...”, lema da Hidrografia, fosse pintada nas chaminés de todos os navios da Diretoria de Hidrografia e Navegação¹.

CONCLUSÃO

Tradição é uma palavra que representa muita coisa para uma instituição tão antiga quanto a Marinha. Cabe ressaltar que, segundo Antônio Sardinha, historiador português do século XIX, tradição não é apenas passado, mas, antes, a “permanência do desenvolvimento” e a “permanência da continuidade”. Assim também é o *Sirius*, navio que, com seu

pioneirismo na Hidrografia e na Aviação Naval; com sua constante atualização na realização das fainas hidrográficas, utilizando equipamentos de última geração; e com diversas gerações de hidrógrafos que passaram pelos seus conveses, é um navio tradicional dentro da Diretoria de Hidrografia e Navegação e da instituição à qual ele pertence, a Marinha.

AGRADECIMENTOS

– Aos comandantes e às tripulações que passaram pelo NHi *Sirius*, desde a sua primeira até a sua atual, pelo grande cuidado demonstrado com o navio, o que o fez completar a idade de 60 anos.

– À Diretoria de Hidrografia e Navegação e às Organizações Militares subordinadas, pela confiança depositada no *Sirius*, por todo este tempo, em suas missões.

– Ao Estaleiro Ishikawajima Heavy Industries Co. Ltd, de Tóquio, Japão, por sua competência e seu profissionalismo, que fizeram com que o navio fosse forte o suficiente para atingir a marca de 60 anos.

– Ao senhor Paulo Emílio de Mello Baptista, pela entrevista realizada, que contribuiu sobremaneira com o artigo para a sua parte histórica.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<FORÇAS ARMADAS>; Marinha do Brasil; Navio Hidrográfico;

¹ DHN. Lema da Hidrografia. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/dhn/?q=es/node/291>>. Acesso em: 16 dez. 2017.